

**Instituição Beneficente “A Luz Divina”
Grupo da Fraternidade**

MEDIUNIDADE

15 / 01 / 2016

1. Conceito

A mediunidade é a faculdade humana, natural, pela qual se estabelecem as relações entre homens e espíritos. Não é um poder oculto que se possa desenvolver através de práticas e rituais ou pelo poder misterioso de um iniciado ou de um “guru”.

A mediunidade pertence ao campo da comunicação. Desenvolve-se naturalmente nas pessoas de maior sensibilidade para a captação mental e sensorial de coisas e fatos do mundo espiritual que nos cerca e nos afeta com as suas vibrações psíquicas e afetivas.

Da mesma forma que a inteligência e as demais faculdades humanas, a Mediunidade se desenvolve no processo de relação.

A mediunidade é a manifestação do espírito através do corpo. No ato mediúnico tanto se manifesta o espírito do médium quanto um espírito ao qual ele atende e serve.

Os problemas mediúnicos consistem, portanto, simplesmente na disciplina das relações espírito-corpo. É o que chamamos de educação mediúnica. Na proporção em que o médium aprende, como espírito, a controlar a sua liberdade e a selecionar as suas relações espirituais, sua mediunidade se aprimora e se torna segura. Assim o bom médium é aquele que mantém o seu equilíbrio psicofísico e procede na vida de maneira a criar para si mesmo um ambiente espiritual de moralidade, amor e respeito pelo próximo.

2. Tipos de Mediunidade

A mediunidade é uma só, é um todo, mas pode ser encarada em seus vários aspectos funcionais, que são caracterizados como formas variadas de sua manifestação.

Kardec a dividiu, para efeito metodológico, em duas grandes áreas bem diferenciadas: a mediunidade de efeitos inteligentes e a mediunidade de

efeitos físicos. Essa divisão prevaleceu nas ciências derivadas do Espiritismo.

Charles Richet, fundador da Metapsíquica, estabeleceu nessa ciência a divisão das duas áreas com os nomes de metapsíquica subjetiva e metapsíquica objetiva, correspondendo exatamente à divisão espírita.

Na Parapsicologia atual, fundada por Rhine e McDougal, as duas áreas figuram com as denominações de “Psigama” (de fenômenos subjetivos ou mentais) e “Psicapa” (de fenômenos objetivos ou de efeitos físicos).

As denominações dadas pela Parapsicologia atual não são pedantescas. São simples nomes de letras do alfabeto grego, tradicionalmente empregados nas Ciências para designação de fenômenos.

Na pesquisa científica não se pode usar designações que impliquem interpretação antecipada do fenômeno. Escolhendo letras gregas para designar os fenômenos a ser investigados, os parapsicólogos usavam palavras neutras, como exige a metodologia científica. Uma questão de método.

A terminologia espírita adotada por Kardec é simples e precisa. Mas no tocante às duas áreas fundamentais dos fenômenos de efeitos inteligentes e efeitos físicos, era necessário um acréscimo. Além dessa divisão fenomênica, havia o problema da divisão funcional.

Kardec notou a generalização da mediunidade e os Espíritos o socorreram como se vê em “O Livro dos Médiuns”, com uma especificação curiosa. Temos assim duas áreas de função mediúnica, designadas como **mediunidade generalizada e mediunato**.

Como Kardec mencionou a existência de médiuns elétricos e, várias vezes, comparou a mediunidade com a eletricidade, surgiu mais tarde entre alguns estudiosos, entre os quais Crawford, a ideia de uma divisão mais explícita, com a designação de **mediunidade estática e mediunidade dinâmica**.

A primeira corresponde à mediunidade natural que todos possuem e permanece geralmente em êxtase, com manifestações moderadas e quase imperceptíveis.

A segunda corresponde à mediunidade ativa, que exige desenvolvimento e aplicação durante toda a vida do médium.

A falta de conhecimento dessa divisão acarreta dificuldades e inconvenientes na prática mediúnica, particularmente nos trabalhos de Centros e Grupos Espíritas.

A mediunidade estática não é propriamente uma forma de energia que permanece no organismo corporal em estado letárgico. É simplesmente a disposição natural do espírito para expandir-se.

Estamos sempre conversando sem o perceber. Muitos dos nossos monólogos são diálogos com outras pessoas ou com Espíritos.

As mensagens de Emmanuel e André Luiz, através de Chico Xavier, referem-se a inquirições mentais que certos Espíritos nos fazem, seja para avaliar o nosso estado mental e ajudar-nos a corrigi-lo, seja para fins obsessivos. Um obsessor se aproxima de nós e sugere mentalmente o nome ou a figura de uma pessoa. Começamos a pensar nessa pessoa e a desfilarmos na mente os dados que possuímos sobre ela. O obsessor insiste e nós, sem percebermos, vamos lhe dando a ficha da pessoa ou as nossas opiniões sobre ela. Ajudamos o obsessor sem saber. De outras vezes ele pretende saber qual é a nossa posição em determinado caso de desentendimento a respeito de um seu amigo. Revelamos e ele, que passa a nos envolver num processo obsessivo.

Por isso Jesus aconselhou: "Vigiai e orai".

Recorrem às casas espíritas muitas pessoas perturbadas e até mesmo obsedadas, que, em geral, são consideradas como médiuns em fase de desenvolvimento. Precisam de passes, de participação nas sessões, mas não de sentar-se à mesa mediúnica para desenvolver a sua mediunidade. Essas pessoas, tratadas devidamente, livram-se da obsessão, mas não revelam mais os sintomas mediúnicos decorrentes da obsessão. Essas pessoas não estão investidas de mediunato.

As pessoas não dotadas de mediunato não estão desprovidas dos recursos mediúnicos. Pelo contrário, podem ser muito sensíveis e intuitivas, dispondo de percepções eficazes em todas as circunstâncias. Os dirigentes de sessões não podem esquecer esse problema, que lhes evitará muitos enganos no trato das manifestações mediúnicas.

As obsessões não são produzidas apenas por Espíritos. Há muitos casos de obsessões telepáticas, provocadas por pessoas vivas.

3. Mediunidade Dinâmica

A mediunidade dinâmica não permanece em êxtase no organismo do médium. Não age de maneira discreta e sutil, como a mediunidade estática. Pelo contrário, extravasa agitada em fenômenos de captação e projeção, não raro explodindo em casos obsessivos. É a chamada mediunidade de serviço, destinada ao auxílio e ao socorro do próximo. Decorre de compromissos assumidos no plano espiritual, seja para auxiliar indiscriminadamente os que necessitam de ajuda e orientação, seja para o resgate de dívidas morais do passado com entidades necessitadas, cujo estado inferior se deve, em parte ou totalmente, a ações do médium em vidas anteriores.

O médium não desfruta apenas as vantagens da mediunidade generalizada, pois se vê investido de uma missão mediúnica a que os Espíritos deram o nome de mediunato. A situação do médium é bem diferente da comum. Ele é continuamente solicitado para atender a entidades desencarnadas carentes de auxílio e elucidação. Se rejeitar o seu compromisso ou tentar protelá-lo ficará sujeito a perturbações e finalmente à obsessão.

Mediunato

O mediunato lhe foi concedido para reparar os erros do passado e recuperar os espíritos que pôs a perder, levou à descrença e até mesmo à revolta em vidas passadas. Não obstante o determinismo implícito no mediunato, o seu livre-arbítrio continua intacto. Assim como escolheu e pediu essa situação ao voltar à encarnação, por sua livre vontade, assim também poderá agora optar pelo cumprimento da missão ou pela sua rejeição, arcando naturalmente com as consequências da fuga ao dever.

O mediunato é também concedido em casos de pura assistência ao próximo e ajuda à Humanidade, como nos mostra o exemplo histórico das meninas Baudin, Julie e Caroline, em Paris, cuja mediunidade admirável garantiu o êxito da missão de Kardec.

Mas o próprio Kardec não era médium, porque a sua missão era científica e não mediúnica. Cobia-lhe estudar e pesquisar a mediunidade para desdobrar a incipiente cultura terrena, revelando aos cientistas a

face oculta da Natureza, a realidade desconhecida do outro mundo que eles não percebiam e quando percebiam não aceitavam.

As meninas Baudin, que estavam com apenas 14 e 16 anos, foram os instrumentos mediúnicos de que ele se serviu para a elaboração da Doutrina. Kardec interrogava os Espíritos através delas, aceitava ou rejeitava o que diziam, discutia livremente com eles e observava outros médiuns, como a Srta. Japhet (Ruth-Céline Japhet), Didier Filho (Pierre-Paul Didier, livreiro-editor), Camille Flammarion, Victorien Sardou e muitos outros.

Kardec não era um profeta, nem um vidente ou Messias: era um pesquisador incansável e exigente. A volumosa, minuciosa e inabalável obra que deixou, formando um maciço de mais de vinte volumes de quatrocentas páginas em média, mostra porque ele não podia dispor de um mediunato. Tinha de dedicar-se inteiramente, como se dedicou até à exaustão, ao trabalho intelectual.

É grandiosa a epopéia humilde desse homem, pesquisador solitário de uma Ciência que todos combatiam e ridicularizavam. Se não estava investido de mediunato, dispunha da intuição em alto grau, de um bom-senso que lhe permitiu solidificar e estruturar a doutrina em bases seguras e vencer facilmente as mais sofisticadas investidas dos intelectuais, dos sábios, dos ateus e materialistas, das academias e instituições culturais, das igrejas e dos teólogos, mostrando-lhes com serenidade e clareza meridiana os erros temerários em que incidiam.

A mediunidade estática lhe permitia, nos últimos anos de trabalho, ser advertido diretamente pelos Espíritos, de lapsos ocorridos em seus escritos, como se pode ver em suas anotações publicadas em Obras Póstumas. Se os homens não fossem tão estúpidos, como demonstrou Richet (Charles Robert Richet) em *L'Homme Stupide*, teriam poupado Kardec dos muitos dissabores e das muitas lutas que teve de sustentar.

Para se compreender melhor a razão pela qual Kardec não teve um mediunato, basta lembrar o caso de Swedenborg (Emanuel Swedenborg, 1688-1772), na Suécia, e de Andrew Jakson Davis (1826-1910), nos Estados Unidos. Swedenborg era um dos maiores sábios do século XVIII, amigo de Kant (Immanuel Kant, filósofo prussiano, 1724-1804) e foi precursor do Espiritismo. Mas, dotado de extraordinária vidência, perdeu-se nas suas próprias visões, fascinado pela realidade invisível, e acabou criando uma seita eivada de absurdos. Andrew era

também vidente e lançou uma série de livros em que o fantástico supera as possibilidades do real.

Kardec pode realizar seu trabalho com firmeza porque não quis ser mais do que homem, como dizia René Descartes, permanecendo com os pés no chão e examinando todas as manifestações espirituais com o mais rigoroso critério científico.

Os fenômenos mediúnicos são os mais difíceis de examinar com frieza.

O médium não escapa aos impactos emocionais dessas manifestações, como Kardec viu no próprio exemplo de Camille Flammarion (1842-1925). Por outro lado, a condição de médium o tornaria suspeito aos olhos desconfiados dos homens de ciência. Sua posição firme no campo cultural e nas áreas de pesquisa, que lhe valeram o louvor de Richet e o respeito de William Crookes (1832-1919), John Karl Friedrich Zöllner (1834-1882) e outros cientistas conscienciosos, e principalmente, sua lógica poderosa o livraram dos perigos que ele mesmo apontava no tocante à complexa e fascinante problemática do Espiritismo. Kardec tinha de falar aos homens como homem, e assim o fez, com a linguagem humana dos que buscam a verdade.

Mesmo no meio espírita, o critério de Kardec ainda não foi suficientemente compreendido. Muitos censuram o seu comedimento em tratar de assuntos melindrosos da época. Não entendem o valor de *O Livro dos Médiuns* e vivem à procura de novidades apresentadas em obras mediúnicas suspeitas. Não percebem que o problema mediúnico só agora pode ser tratado cientificamente com mais desembaraço, graças ao avanço das ciências nos últimos anos. Poucos entendem o critério modelar de uma obra difícil como *A Gênese* e de um livro como *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, em que as questões explosivas da fé irracional e das influências mitológicas teriam de ser contornadas. Nas mãos de um vidente esses livros não poderiam ser escritos com a clareza racional em que o foram, porque as visões místicas influiriam na sua elaboração.

Vidência

A vidência como todas as formas de mediunidade, pode ocorrer ocasionalmente a qualquer pessoa, mas a sua ação permanente, nos casos de mediunato, pode bloquear a razão e excitar o misticismo. Nesses casos o místico está sujeito a enganos fatais. O espírito

encarnado está condicionado à vida do plano material, não dispondo de segurança para lidar com os problemas do plano espiritual. Mas a vaidade humana leva os videntes a confiarem nas suas percepções, pois isso os coloca acima dos outros. No desdobramento, com fins de pesquisa no outro plano, esse problema se agrava, pois o deslocamento do espírito para um campo de ação que não é o seu, durante a encarnação, o coloca no plano espiritual como um estrangeiro que precisaria de tempo para ajustar-se a ele.

Por isso Kardec preferiu o estudo e a investigação através das manifestações mediúnicas, onde é possível controlar-se a legitimidade das informações dadas pelos próprios habitantes do plano espiritual.

Charles Robert Richet (1850-1935) levantou o problema do condicionamento da vidência à crença do vidente.

Frederic William Henry Myers (1843-1901) demonstrou que a nossa mente está condicionada para a interpretação das percepções sensoriais. A consciência supraliminar, onde funciona a nossa mente de relação, está voltada para as condições do mundo em que vivemos. A consciência subliminar, que equivale ao inconsciente, destina-se a funcionar normalmente na vida futura, ou seja, no plano espiritual.

Kardec observou tudo isso com rigor, através de pesquisas incessantes, nas comunicações mediúnicas de espíritos encarnados, como se pode ver nos relatos de suas pesquisas publicadas na Revista Espírita, de janeiro de 1858 a 1869.

Os próprios espíritos recém-desencarnados referem-se sempre às dificuldades que enfrentam para adaptar-se às condições do Mundo Espiritual. É, pois, uma temeridade confiar-se na vidência para estabelecer novos princípios ou sistemas de prática espírita. A vidência auxilia nas pesquisas, mas não pode ser o seu instrumento único. Os videntes que se colocam na posição de conhecedores absolutos do outro mundo, esquecendo-se de que o seu equipamento sensorial e mental pertence a este mundo, e se apresentam na condição de mestres e reformadores da Doutrina enganam-se a si mesmos e enganam aos outros.

Pode-se alegar a existência do mediunato da vidência. Mas esse mediunato jamais é concedido para as aventuras de espíritos de vivos no Plano Espiritual, porque isso seria condenar o médium a uma situação de dualidade perigosa na vida terrena. O mediunato da

vidência existe, mas para fins de auxílio às pesquisas ou para demonstrações da verdade espírita, mas nunca para a criação de condições anômalas no campo mediúnico.

As próprias obras mediúnicas, psicografadas, que descrevem com excesso de minúcias a vida no plano espiritual devem ser encaradas com reserva pelos espíritas estudiosos.

Emmanuel explica, prefaciando um livro de André Luiz, que o autor espiritual se serve de figuras analógicas para explicar fatos e coisas que não poderiam ser explicados de maneira fidedigna em nossa linguagem humana. São perigosas as duas posições extremadas: a dos que não aceitam essas obras como válidas e a dos que pretendem substituir por elas as obras de Kardec. **Os princípios da Codificação não podem ser alterados pela obra de um espírito isolado. A Codificação não é obra de vidência, mas de pesquisa científica realizada por Kardec sob orientação e vigilância dos Espíritos Superiores.**

Estamos numa fase de rápidas transformações de conceitos e valores, mas, não devemos esquecer que os conceitos e os valores do Espiritismo não se restringem ao momento atual. **São conceitos e valores destinados à nossa preparação para o futuro, de maneira que não estão peremptos (caducos).**

De tudo isso, resulta um acréscimo da responsabilidade espírita para todos os que se deixam levar pela fascinação das novidades. O Espiritismo é um campo de estudos difícil e melindroso, em que não podemos descuidar um só instante da bússola da razão.

Ao tratar de assuntos espíritas, estamos agindo num campo magnético em que se digladiam as forças do bem e do mal. Nem sempre sabemos distingui-las com segurança e podemos deixar-nos levar por correntes de pensamento desnorteantes. A vaidade, a pretensão, o orgulho humano sempre vazio e fácil de ser levado pelos ventos da mistificação, o desejo leviano de nos diferenciarmos da maioria, a ambição doentia e tola de nos fantasiarmos de mestres podem levar-nos à traição à verdade.

A obra de Kardec é a bússola em que podemos confiar. Ela é a pedra de toque que podemos usar para aferir a legitimidade ou não das pedras aparentemente preciosas que os garimpeiros de novidades nos querem vender. Essa obra repousa na experiência de Kardec e na sabedoria do *Espírito da Verdade*. Se não confiamos nela é melhor

abandonarmos o Espiritismo. Não há mestres espirituais na Terra nesta hora de provas, que é semelhante à hora de exames numa escola do mundo. Jesus poderia nos responder, diante da nossa busca comodista de novos mestres, como Abraão respondeu ao rico da parábola (vv.31): "Porque eu deveria mandar-vos novos mestres, se tendes convosco a Codificação e o Evangelho?". (Parábola do rico e do pobre, Lucas, 16:19-31).

A mediunidade dinâmica do mediunato exige o nosso esforço contínuo na luta para sustentação da verdade espírita no mundo. Mas ninguém se esquiva, sem graves conseqüências, ao dever da vigilância. Os espíritos mistificadores contam apenas com dois pontos de apoio para nos envolverem: **a vaidade e a invigilância**. É mais fácil a eles se aproximarem de nós e conquistar a nossa atenção, do que aos espíritos esclarecidos nos socorrerem com suas intuições ponderadas.

Estamos num mundo de provas e de expiações, somos espíritos em evolução, na maioria, repetidores de encarnações fracassadas. Nosso livre-arbítrio não pode ser violado, mas quando aceitamos as mistificações de pretensos reformadores usamos o livre-arbítrio na escolha infeliz que então fazemos. Este é um ponto importante de doutrina em que devemos pensar incessantemente. Nossa responsabilidade no tocante ao mediunato não nos permite leviandade alguma que não tenha um preço a pagarmos no presente ou no futuro.

Num ambiente mediúnico dominado pelo desejo de novidades e pela expectativa do maravilhoso, estamos sujeitos sempre a nos embriagar com o vinho das ilusões.

O principal dever dos médiuns resume-se em duas palavras: **fidelidade e vigilância**. Se não formos fiéis à Doutrina e não estivermos sempre vigilantes às ciladas das trevas, estaremos sujeitos a seguir o caminho dos falsos profetas da Terra e da erraticidade, que o cego da parábola levará ao barranco para cair com ele. (Mateus, 15:12-14) (Lucas, 6:39).

Anibal dos Anjos Pardal

Palestra proferida em 15 de janeiro de 2016, no
Grupo da Fraternidade,
da Instituição Beneficente "A Luz Divina".

Fonte: Transcrição do livro "Mediunidade", de José Herculano Pires (1914 – 1979), editado em 1978.